

AGROECOLOGIA: possibilidades e perspectivas

Ademir de Cássio Machado Peransoni¹

Mirele Milani da Silva²

Douglas Stefanello Facco³

1. INTRODUÇÃO

Atualmente as práticas agrícolas modernas utilizam métodos produtivos que aumentam substancialmente os resultados finais de produção e encurtam o espaço de tempo entre o preparo da terra, plantio e colheita. Isso se deve ao uso intensivo de máquinas agrícolas, tecnologias inovadoras, sementes geneticamente modificadas e pelo uso de agroquímicos. Essa busca pela agilidade das atividades agrícolas tem desconsiderado, na maioria das vezes, fatores naturais importantes como solos, clima, vegetação, topografia entre outros, assim como os conhecimentos advindos da vivência do homem do campo. Tal modelo de produção está assentado em práticas excludentes e insustentáveis, pois defende a produção de monoculturas cujos custos de produção são elevados e dependem de uma grande quantidade de insumos importados.

Nessa perspectiva, o pequeno agricultor não tem condições de se manter na terra, de preservar suas raízes, tradições, e principalmente de garantir sua soberania alimentar (GUTERRES, 2006). Em contraponto ao modelo dominante de produção tem-se a Agroecologia, que é entendida, por um enfoque científico destinado a apoiar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais para estilos de desenvolvimento rural e de agriculturas sustentáveis (CAPORAL E COSTABEBER, 2000, 2001, 2002). Além de um sistema de produção, a Agroecologia é uma filosofia que respeita as leis e as dinâmicas dos ecossistemas, uma produção com e não contra a natureza, que propõe novas formas de apropriação dos recursos naturais.

Com base nessas premissas, pode-se dizer que a Agroecologia é um modelo agrícola, que valida e valoriza a regeneração, criação e perpetuação de conhecimentos locais, o saber fazer,

¹ Universidade Federal de Santa Maria, ademirperansoni@unipampa.edu.br

² Universidade Federal de Santa Maria, mirelemilane@gmail.com

³ Universidade Federal de Santa Maria, destefanellofacco@gmail.com

que concebe a relação homem/ambiente de forma holística e interdependente, possibilitando a construção de contextos de sustentabilidade socioambiental. A Agroecologia busca integrar os saberes históricos dos agricultores com os conhecimentos de diferentes ciências, permitindo, tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo do desenvolvimento e de agricultura, como o estabelecimento de novas estratégias para o desenvolvimento rural e novos desenhos de agriculturas mais sustentáveis, desde uma abordagem transdisciplinar, holística. (VIGLIZZO, 2001, p. 88). Nesse sentido, Justifica-se a realização deste trabalho, por acreditar que estudos desta natureza sejam difusores de novas perspectivas, sobretudo no que tange as formas sustentáveis de produção alimentar. Assim como, por entender que centros públicos de produção de pesquisa/saber tem como função social o dever de esclarecer e difundir diferentes concepções e fundamentos, sejam agroecológicas ou não, a fim de estabelecer uma rede de conhecimento entre todos os setores da sociedade.

Metodologicamente foram adotadas leituras dirigidas em livros e artigos cujo tema contemplasse a “Agroecologia e seus processos produtivos sustentáveis”. As leituras ocorreram ao longo do segundo semestre de 2016 e discutidas durante as aulas das disciplinas de Desenvolvimento Rural Sustentável e Geografia do Cone Sul, que integram a matriz curricular do curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria/RS. A partir destas leituras, considerações/reflexões tecidas neste trabalho foram desenvolvidas.

2. ELEMENTOS TEÓRICOS

A Agroecologia é uma vertente que fornece os princípios ecológicos básicos para o estudo e tratamento de ecossistemas, tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais, (ALTIERI, 1987, 2004). Uma definição mais ampla é proporcionada por Guzmán e Molina (1996), para quem a Agroecologia corresponde a um campo de estudos que pretende o manejo ecológico dos recursos naturais, para – através de uma ação social coletiva de caráter participativo, de um enfoque holístico e de uma estratégia sistêmica. Gliessman (2005), diz que o enfoque agroecológico pode ser definido como “a aplicação dos princípios e conceitos da Ecologia no manejo e desenho de agroecossistemas sustentáveis”, partindo do conhecimento local que, integrando ao conhecimento científico, dará lugar à construção e expansão de novos saberessocioambientais.

Assim, os princípios da Agroecologia visam a melhor relação entre o urbano e o rural, a melhoria da qualidade de vida, o fortalecimento da cidadania, a produção de alimentos limpos e a necessidade de geração de ocupações agrícolas e não agrícolas no meio rural (BRASIL, 2004). Segundo Caporal (2009) a agroecologia é parte de uma estrutura maior, não é simplesmente um processo produtivo mecanizado, e sim, um esforço social comum em localidades que visam promover estratégias de um desenvolvimento rural sustentável. Esses processos enfatizam a participação comunitária estabelecendo relações próximas de bem comum e se vinculam a agricultura familiar, tomam por base estilos de uma agricultura socioambiental e economicamente sustentável que possibilitam o respeito à natureza e o manejo adequado dos recursos naturais.

Em relação à agricultura “moderna convencional”, Wanderley (2003) argumenta que esta possui uma tempestuosa visão de produção e se assenta em um patamar construído pela perspectiva de modernização e mecanização da agricultura vinculado a urbanização do meio rural. Segundo o autor, esse processo é regido por atores sociais que polarizavam as relações entre capital e trabalho, traçando desta forma, um estreito paralelo entre este modelo agrícola e as relações industriais. Nesta perspectiva o setor agrícola torna-se parte de uma estrutura empresarial desconexa de relações comunitárias e desprovido de objetivos comuns aos atores sociais que os promovem.

Em contrapartida ao avanço devastador das atuais atividades de produção, emerge a agricultura familiar e as formas de produção Agroecológicas. A literatura busca definições a essas formas de “resistência”, no entanto estas fazem parte de uma estrutura diferenciada em que tais definições são dinâmicas e específicas simultaneamente, devido a diversidade cultural existente entre as comunidades e os diferentes modos de processos de produção que variam de um local para outro. Wanderley (2003) argumenta que o debate se aprofunda em torno do ator social que integra as atividades de produção fincadas nas premissas agroecológicas, constituindo assim, a figura do agricultor familiar como agente que viabiliza esta forma de agricultura e por onde passa uma série de conceitos pelos quais se fundamentam a Agroecologia.

A autora enfatiza ainda que a agricultura familiar possui peculiaridades produtivas (tradicional) distintas das adotadas pela agricultura convencional, mecanizada e tecnicista. Quando atrelados a Agroecologia, são centros de fomento e concentração de conhecimentos gestados em determinadas comunidades e culturas. Tais conhecimentos emergem da

experimentação e percepção de anos de contato com os elementos locais da natureza, e que irão determinar as formas pelas quais se dará o saber/fazer do processo produtivo vinculado a agroecologia.

Segundo Passos (2008) apesar de todo esse conhecimento adquirido, muitos camponeses de diversas regiões dotadas de grande potencial de produção agroecológica e sustentável estão completamente desamparados pelo poder público. O que contribui para que os camponeses sigam limitados aos ditames da classe rural dominante. Caporal (2002) vai ao encontro de Passos (2008) ao declarar que as relações agroecológicas, são parte de um processo político sistêmico crescente, de evolução contínua e multilinear. Porém, por se tratar de uma atividade social, depende da intervenção humana, para que ocorra uma mudança de atitude e valores em relação à posição do homem camponês frente às questões políticas e sociais que o circundam e por consequência os afetam.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises dos elementos teóricos do presente trabalho nos levam a assumir uma postura de debate e informação. O debate é parte de uma tomada de decisão frente às necessidades enfrentadas pelos camponeses e as imprescindíveis mudanças de atitudes no cenário sócio político brasileiro. Desse modo, podemos inferir que não se trata de propor uma nova identidade ao homem camponês, mas de instigá-lo a rever suas posições frente às tomadas de decisões políticas em nosso país, fomentando iniciativas de debates entre estes e o governo.

A informação é o ato de explicitar as atividades agroecológicas desenvolvidas no seio de cada cultura, trata-se de revelar esses conhecimentos aos demais indivíduos que integram a sociedade. Para tanto, basta evidenciar seus modos de produção, seu respeito à natureza, suas relações sociais e suas trocas de experiências a fim de promover a sustentabilidade de suas atividades agrícolas. Tais atividades são fruto de um conhecimento adquirido pelo saber/fazer que as gerações futuras não devem preterir, pois foram estes que permitiram a perpetuação de atividades agrícolas que hoje, fundamentam a agroecologia.

Nesse sentido, cabe aos pesquisadores disseminar informações que permeiam esse cenário social, promovendo o acesso da sociedade a conceitos, tais como agricultura familiar e agroecologia. Nesse cenário, podemos inferir que os problemas ocasionados pela agricultura

convencional tendem a aumentar exacerbadamente e neste contexto os camponeses serão chamados à sociedade urbana a fim de viabilizar a produção de alimentos de qualidade. Para tanto, cabe apenas ao homem campesino recorrer à sua essência, readaptar-se, remodelar-se, e fazer frente aos novos desafios da sociedade englobante, demonstrando o quanto pode contribuir para uma sociedade mais igualitária, plural e sustentável.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, M. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável – 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER). Brasília, DF: Secretaria da Agricultura Familiar, Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural, 2004.

CAPORAL, F. R; COSTABEBER, J. A. Agroecologia. Enfoque científico e estratégico. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v. 03, nº 02, p. 13-16, 2002.
CAPORAL, F. R. Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. Brasília: 2009.

GUTERRES, I. Agroecologia Militante: contribuições de Enio Guterres/Ivani Guterres. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

GUZMÁN, E. S.; MOLINA, G. M. (ed.). Ecología, campesinato e historia. Madrid: La Piqueta, 1996.
GLIESSMAN, Stephen R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

PASSOS, L.C. Modo de Ser Camponês e a Propriedade da Terra entre Camponeses. Curitiba: Juruá, 2008.

VIGLIZZO, E. F. La trampa de Malthus: agricultura, competitividad y medio ambiente en el siglo XXI. Buenos Aires: Universitaria de Buenos Aires, 2001.

WANDERLEY, M. N. B. A. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. Rio de Janeiro, RJ, 2004.